

UM DIÁLOGO ENTRE O CURTA-METRAGEM “ABUELA GRILLO” E AS QUESTÕES AMBIENTAIS, ÉTICAS, POLÍTICAS, SOCIAIS E CULTURAIS

Camila Oliveira Lourenço – Universidade Federal de Lavras

Julia Amorim Monteiro – Universidade Federal de Lavras

Antonio Fernandes Nascimento Junior – Universidade Federal de Lavras

Resumo:

O objetivo do trabalho é identificar o diálogo do curta-metragem “*Abuela Grillo*” (CHAPON, 2009) com as questões ambientais, sociais, éticas e culturais imersas no problema que é causado pela privatização. O curta foi produzido na Dinamarca por oito animadores bolivianos e lançado no ano de 2009, sob direção de Denis Chapon. Ele é baseado em uma lenda indígena, contada milenarmente pelo povo Ayoreo da Bolívia, que nos dias atuais vive em comunidades assentadas, visto que muitos perderam suas propriedades para grandes empresas, sendo assim explorados nas fazendas de gado que se apossaram de boa parte de seu território. Dessa forma, o trabalho se justifica por permitir a divulgação de aspectos que permeiam as questões ambientais e sua relação com a sociedade por meio desse curta. Para a análise dessa linguagem cinematográfica nos debruçamos sobre a metodologia de pesquisa qualitativa (GODOY, 1995), a análise de conteúdo (OLIVEIRA, 2008) e a categorização dos conteúdos (MINAYO, 2009) contidos no curta. Após esse processo de análise foi possível destacar quatro categorias: “*Valorização da cultura indígena*”, “*Recurso natural*”, “*Economia*” e “*Luta popular*”. A partir da análise realizada foi possível identificar que o curta dialoga com as questões ambientais, éticas, políticas, sociais e culturais que permeiam a privatização. Neste sentido, foi possível identificar a importância da valorização da cultura indígena, pois por meio de seu reconhecimento podemos visualizar uma nova forma de experiência com o mundo. Além disso, percebeu-se que a população indígena passa por uma problemática social que é fruto da mercantilização de um recurso natural. Assim, é necessário considerar estas questões que permeiam o ambiente para que o indivíduo possa se reconhecer como parte fundamental na composição do ambiente em que está inserido.

Palavras-chave: Cinema; Cultura indígena; Recurso Natural; Sistema Econômico; Luta Popular.

Abstract:

The purpose of this work is to identify the dialogue of the short film “*Abuela Grillo*” (CHAPON, 2009) with environmental, social, ethical and cultural issues immersed in the problem that is caused by privatization. The short film was produced in Denmark by eight Bolivian animators and released in 2009, under the direction of Denis Chapon. It is based on an indigenous legend, told by the Ayoreo people of Bolivia, who nowadays live in settled communities, since many have lost their properties to large companies, and are thus exploited on cattle ranches that have taken possession of much of their territory. In this way, the work is justified by allowing the dissemination of aspects that permeate environmental issues and their relationship with society through this short film. For the analysis of this cinematographic language we focus on the qualitative research methodology (GODOY, 1995), the content analysis (OLIVEIRA, 2008) and the contents categorization (MINAYO, 2009) contained in the short film. After this process of analysis it was possible to highlight four categories: “*Valorization of indigenous culture*”, “*Natural resource*”, “*Economy*” and “*Popular struggle*”. From the analysis carried out, it was possible to identify that the short dialogues with the environmental, ethical, political, social and cultural issues that permeate privatization. In this sense, it was possible to identify the importance of the valorization of the indigenous culture, because through its recognition we can visualize a new way of experience with the world. In addition, it was noticed that the indigenous population undergoes a social problematic that is fruit of the commodification of a natural resource. Thus, it is necessary to consider these issues that permeate the environment so that the individual can recognize himself as a fundamental part in the composition of the environment in which he is inserted.

Keywords: Cinema; Indigenous Culture; Natural Resource; Economic System; Popular Struggle.

1. Introdução

O cinema é um meio de comunicação que está imerso na indústria cultural e, por isso, na maioria das vezes, torna opaca as dinâmicas referentes ao sistema econômico capitalista. Esse sistema influencia diretamente no modo em que se dão as relações sociais e as relações com a natureza. Assim, esse meio de comunicação acaba sendo reduzido a um patamar de subordinação ao capitalismo (AGUIAR; BASTOS, 2012).

Podemos entender que o cinema é um meio de comunicação que é fruto da produção humana. Além disso, ele expressa crenças, valores e comportamentos éticos e, neste sentido, é necessário que os sujeitos se apropriem desse meio para que possam compreender a realidade em que estão inseridos. Dessa forma, Moretti (2011) considera, a partir do pensamento marxista, que o humano é resultado do entrelaçamento do aspecto individual, no sentido biológico, e social, no sentido cultural. Desse modo, as obras cinematográficas influenciam a vida dos sujeitos como elemento que faz parte da constituição humana e assim se torna importante na construção de indivíduos autônomos e atores sociais (LOUREIRO, 2008).

Neste sentido, é necessário que se faça uma reflexão sobre os recursos audiovisuais para que estes possam contribuir na politização dos indivíduos e na desmistificação das ideologias dominantes (KLAMMER et al., 2006). Além disso, os recursos podem promover diálogos com os aspectos sociais, culturais, políticos e ambientais que permeiam a realidade dos sujeitos. Contudo, podemos identificar o quanto subestimamos a potencialidade do audiovisual ao destituí-lo de sua potencialidade de possibilitar uma leitura do mundo a partir das artes visuais e assim estimular a refletir sobre a arte produzida por meio da qual é possível expressar criticamente e desenvolver conhecimentos em diversas áreas (MARTINS, 2007).

Assim, percebemos no curta-metragem “Abuella Grillo” uma oportunidade de dialogar com as questões ambientais, éticas, políticas, sociais e culturais. Diante disso, o trabalho se justifica por permitir a divulgação de aspectos que permeiam as questões ambientais e sua relação com a sociedade, compreendendo o cinema como meio dialógico destas questões e proporcionando aos indivíduos uma compreensão ampla da realidade em que estão inseridos.

Pensando que o curta retrata uma lenda boliviana, é interessante ressaltar que a Bolívia já presenciou crises de abastecimento de água potável. Pfrimer (2010) traz em sua pesquisa, que a cidade de Cochabamba passou e vem passando por sucessivas crises em relação ao provimento de água, sendo causada primeiramente pelo controle e posse dos recursos hídricos e posteriormente, por outros fatores, como a falta de infraestrutura, a diminuição das chuvas e disputas políticas. Dessa forma, por meio das cenas do curta metragem é possível identificar elementos condizentes com a crise de água na Bolívia.

Segundo Meyer (1991), devemos considerar o ambiente como um espaço que inclui o mundo natural, mas também o um mundo social. Neste sentido, o ser humano se realiza em um espaço e tempo que define como seu e atua nesse ambiente por meio do trabalho, do consumo, das relações com outros indivíduos e da transformação.

Tratando da transformação do ambiente por meio do trabalho, de forma a garantir a nossa sobrevivência individual e de nossa espécie, podemos compreender que há também uma transformação das nossas relações sociais e de nós mesmos. Neste sentido, o ambiente passa assumir um caráter crítico, seguindo a vertente da educação ambiental crítica, que é uma prática social, a qual busca a transformação e emancipação do sujeito como um todo e não apenas de forma fragmentada (TOZONI-REIS, 2007) e assim este tipo de educação passa a ter um papel para a formação de uma nova relação entre o ambiente e a sociedade.

A educação ambiental se faz uma ferramenta interessante quando inserida na vida dos indivíduos, pois abre a possibilidade de que estes reconheçam o ambiente ao permitir uma identificação dos problemas e das questões ambientais a partir de seu contexto, assim há uma busca por localizar os impactos sociais, econômicos e culturais que ocorreram ao longo da história, permitindo o descobrimento das interações entre os seres vivos e sua relação com o ambiente. Dessa forma, é necessário que façamos um processo de reflexão no sentido de compreendermos que o mundo não está posto em função de nós e que os recursos naturais não servem para nossa utilidade imediata (MEYER, 1992).

2. Descrição do Curta Metragem

O curta metragem “Abuela Grillo” tem a duração de doze minutos e foi produzido na Dinamarca por oito animadores bolivianos, lançado no ano de 2009, estreando no Brasil no ano de 2010, sob direção de Denis Chapon. O curta contextualiza um momento histórico no qual a Bolívia passou, onde houve um problema hídrico que afetou a população. O vídeo é baseado em uma lenda indígena, contada pelos Ayoreo, que é um

povo de caçadores-coletores do Chaco Boreal, cuja sociedade foi profundamente afetada pelo contato com os neoamericanos a partir dos anos 1950/60. (ESTIVAL, 2006). Ele aborda a história de uma avó representada por um grilo chamada Direjná. A avó era dona da água e por todo lugar que passava cantando com amor a água surgia irrigando as plantações e sustentando a pecuária da região próxima à tribo indígena.

Certo dia, a avó cantou e fez inundar um rio, seus netos ficaram bravos e a agrediram. Ela então ficou triste e foi para a cidade. Lá, foi enganada por empresários que a exploravam fazendo com que ela cantasse para engarrafar a água e vendê-la.

Nesse momento, como ela não estava cantando na comunidade, ocorre uma seca que destrói as formas de subsistência da população indígena. O neto então vai para a cidade em busca de água e encontra sua avó sendo explorada.

Ele então volta à comunidade em busca de ajuda para libertá-la. Após esse momento de luta da população a avó se revolta, provocando uma grande tempestade que destrói a cidade. Com isso, abandona o cativeiro e volta à comunidade, onde posteriormente os campos voltariam a florescer.

3. Metodologia

Para a análise da linguagem do filme nos debruçamos sobre a metodologia de pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995) é um tipo de investigação que parte da análise de dados descritivos para explicar a realidade em que o sujeito está inserido. Esse tipo de metodologia não tem preocupação com representatividade numérica, mas sim com a compreensão de certo fenômeno social em si. A pesquisa qualitativa visa explicar o porquê das coisas, sendo o pesquisador, ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), preocupando-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, mas sim compreendidos de formas dinâmicas.

Um dos subgrupos contidos na metodologia de pesquisa qualitativa é a análise de conteúdo. Ela permite a manipulação de mensagens que expressam um conteúdo (OLIVEIRA, 2008). Entre as especificações contidas na análise de conteúdo se apresenta a categorização como procedimento metodológico. A categorização, de acordo com Minayo (2009), permite realizar a classificação das mensagens contidas no texto por meio da diferenciação e reagrupamento dos elementos.

4. Resultados e Discussão

Após a realização das análises foi possível construir categorias. Os nomes destas categorias seguem abaixo juntamente com o processo de discussão.

4.1 Valorização da cultura indígena

Ao longo de toda obra cinematográfica é possível identificar a presença de uma tribo indígena, especificamente boliviana, pois o curta se passa em uma região da Bolívia. A presença da tribo indígena pode ser identificada por meio da sobrevivência em comunidades com sua forma própria de produção de alimentos e pela disposição das moradias na comunidade indígena. Com a presença deste tipo de cultura no curta é possível percebermos vários elementos que permeiam os povos originários como a forma de subsistência, a sobrevivência em coletivo, as narrativas contadas pela tribo indígena e a sua relação com a natureza. Isso possibilita uma valorização das culturas originárias como um todo a partir do momento em que elas são reconhecidas como culturas de resistência.

Segundo Siqueira Filho et al (2012), por meio da cultura é possível aprender e ensinar, pois ela reflete o conhecimento e a experiência de um determinado grupo, podendo demonstrar suas maneiras de sobrevivência, as suas tradições e suas crenças e é neste sentido que podemos identificar a cultura indígena.

Os indígenas por muitos anos foram considerados povos sem identidade cultural, pois até então se colocava como uma organização social que correspondia às ordens dos europeus e então não tinham reconhecimento. Porém, mesmo durante estes momentos de exploração, parte da população indígena resistia a essa dominação europeia. Essa resistência não se apresentava apenas por meio do combate entre indígenas e europeus, mas também pelas visões de mundo que os índios obtinham e assim foram se expressando ao longo do tempo por meio de suas crenças e comportamentos (BOIANO; OLIVEIRA, 2010).

4.2 Recurso natural

Outro aspecto interessante presente no curta é a possibilidade de visualizarmos o processo de mercantilização do recurso natural. No curta esse recurso natural é a água. Ela se apresenta como meio de adquirir riquezas e quando se torna alvo de exploração pela economia capitalista a população se vê obrigada a adquirir o recurso a partir da sua

compra, sendo que esta população não apresenta condições financeiras para tal e isso gera mazelas ao povo local, que depende da água para sua sobrevivência. Na obra cinematográfica podemos perceber que a população indígena apresenta dificuldades em se alimentar devido à falta de água, pois com a escassez desse recurso há problemáticas no processo de irrigação das culturas de plantas e para a manutenção da pecuária. Assim, é possível perceber que a mercantilização dos recursos naturais leva à fome do povo, principalmente os economicamente mais pobres.

Percebendo a presença da mercantilização da natureza é possível defendermos que há muito tempo a natureza se constituía como parte do ser humano (MARX, 1981, p. 82), pois este vinha e pertencia à ela, porém “a partir do momento que o homem passa a ser expulso de seu território, com a apropriação de suas terras, a natureza passa a ser entendida como algo exterior ao humano e dessa forma, a natureza torna-se passível de ser dominada e explorada”. Isso ocorre quando o homem inicia o processo de dominação das técnicas de irrigação e assim a natureza passa a ser dominada a partir da agricultura. Além disso, os povos se fixam em determinados territórios, originando o berço das antigas civilizações. Segundo Oliveira e Thomaz Junior (2002), porém, no princípio da humanidade, havia uma relação intensa entre o homem e a natureza, isto é, a vida do homem estava totalmente associada ao ritmo da natureza. Nos dias atuais, o que podemos perceber é uma relação distante entre homem-natureza, considerando o contexto de produção capitalista, pois o que seria o meio de subsistência do homem, agora passa a integrar os meios de produção capitalista.

Portanto, o processo de apropriação e transformação dos recursos ocorre pelo homem a partir do trabalho e assim esta ação se torna mediadora da relação homem-natureza. Porém, quando estas relações estão inseridas em um sistema capitalista, que necessita da reprodução do capital e da produção de mercadorias como veículo de produção da mais-valia, a relação entre o homem e o ambiente apresenta-se em uma contradição entre capital e trabalho uma vez que, o acesso aos recursos presentes na natureza passam por relações de mercado e, então, a sua disponibilidade de forma gratuita é eliminada, assim a incorporação da natureza e do homem perpassa pela expansão do capital. Essa relação se torna problemática na medida em que o capital separa os homens da natureza por meio de seu processo de produção e impõe que ele produza no ritmo do próprio capital e não no ritmo da natureza e assim o homem se distancia daquilo ao qual ela faz parte (OLIVEIRA; THOMAZ JUNIOR, 2002).

4.3 *Economia:*

A mercantilização dos recursos naturais é uma característica presente no sistema econômico capitalista. Este tipo de sistema pode ser identificado no curta a partir do momento em que as grandes empresas começam a lucrar com a exploração da água e fazer com que a tribo indígena pague por um produto que se configura direito da população. Essas empresas podem ser identificadas no curta por meio da utilização de altas tecnologias durante o processo de exploração do recurso natural. Além disso, a partir de elementos da animação é possível afirmar como este sistema gera consequências na vida da população menos favorecida economicamente.

Para Lima e Campos (2012), o sistema de produção capitalista prioriza a produção de mercadorias ilimitadamente e, então, este modo de produção permite o crescimento do número de consumidores, amplia a relação de trabalho assalariado, promove a expansão do mercado de bens de consumo, contribuindo para que os grandes capitalistas acumulem cada vez mais capital. Este capital, quando passa pelo processo de produção e circulação de mercadorias, não tem como objetivo satisfazer as necessidades sociais, mas os anseios da apropriação do lucro. O que é gerado a partir destas constituições são crises, como por exemplo a fome, consequências violentas da contradição entre o caráter social do processo de produção e os aspectos privados do capitalismo. Essas crises apresentam-se em periodicidade cíclica, são provocadas pelas leis de funcionamento da economia capitalista e, neste sentido, são inerentes a este modo de produção. Trein (2012) coloca que a forma como articulamos historicamente os processos crescentes de dominação da natureza e na medida que estabelecemos uma estreita relação entre esses processos e a exploração dos próprios seres humanos, estamos nos conformando com o modo de produção capitalista.

4.4 *Luta popular*

Na obra cinematográfica também é possível perceber a luta da população contra a mercantilização do recurso natural. Pensando nesta questão, identificamos que a população indígena, especificamente da tribo Ayoreo, sobrevive por meio da agricultura e pecuária familiar, porém a falta de água na região dificultou a produção de alimentos, fazendo com que a população percebesse que o recurso que antes os pertencia, agora foi apropriado por indivíduos que detinham o poder econômico. Assim eles tomam consciência de que não necessitavam pagar pela água e lutam pelo seu direito. Isso pode

ser identificado na cena em que a população se une para libertar a avó que representa a presença do recurso na comunidade e nos faz perceber a força do povo.

Neste sentido, podemos discutir sobre a questão da participação social, compreendendo esta como um espaço em construção que permite a conquista pela cidadania e que é permeada pela relação de forças das classes estabelecidas historicamente, estas relações têm sido mediatizadas pelos Estado. Além disso, é possível compreendê-la como espaço que apresenta diferentes sujeitos e uma população com suas necessidades ou interesses individuais ou coletivos. Dessa forma, a participação social necessita ser compreendida como uma conquista pelos direitos à cidadania vinculada a compreensão da sociedade como construção histórica e espaço de conflitos (ASSIS et al., 1995).

O que se busca neste momento é a preservação das relações entre os sujeitos, mantendo a hegemonia dominante ou consolidando um projeto alternativo contra-hegemônico. Defendendo a ideia de um projeto alternativo, Assis et al (1995) reforçam a importância de que os sujeitos estejam inseridos em organizações específicas para que os sujeitos sejam capazes de articularem e cobrarem das instituições o atendimento às suas necessidades. Assim, se faz necessário compreender que em uma sociedade com uma grande diversidade de interesses a construção da cidadania só se viabilizará a partir do engajamento e organização da sociedade civil.

Portanto, as diferenças organizações sociais presentes na animação levam ao surgimento de problemáticas ambientais que permitem aos personagens lutarem por seus interesses, e para que a luta pela apropriação do recurso natural seja efetiva é necessário considerar as questões sociais e culturais que permeiam o ambiente a fim de que o indivíduo se reconheça como parte fundamental que compõe a natureza em que está inserido.

5. Considerações Finais

A partir da análise realizada foi possível concluir que o curta dialoga com as questões ambientais, éticas, políticas, sociais e culturais, uma vez que podemos considerar estas questões intrinsecamente relacionadas quando pensamos na relação entre o homem e a natureza, considerando como sistema econômico o modo de produção capitalista.

Neste sentido, foi possível identificar a importância da valorização da cultura indígena, pois por meio de seu reconhecimento podemos visualizar uma nova forma de experiência com o mundo na medida em que este tipo de cultura apresenta crenças, valores, experiências e formas de sobrevivência específicos, como a presença forte da natureza em seu modo de vida, a sobrevivência em coletivo, o estabelecimento de papéis para homem e mulher na tribo indígena, o que diferencia da cultura europeia e as suas formas de habitação. Além disso, este tipo de cultura se coloca como manifestação que resistiu por muitos anos ao longo de seu envolvimento com a cultura europeia.

A população indígena também passa por uma problemática social que é fruto da mercantilização de um recurso natural. Dessa forma, é possível perceber as crises geradas pelo sistema econômico capitalista, uma vez que a presença deste tipo de sistema econômico gerou a fome na comunidade indígena. Assim, podemos identificar as questões éticas e ambientais que envolvem a mercantilização dos recursos naturais e ainda a luta da população contra esse processo de mercantilização, o que nos permitem analisar questões sociais.

Portanto, podemos concluir que é necessário considerar as questões sociais, culturais, políticas e éticas que permeiam o ambiente para que assim o indivíduo possa se reconhecer como parte fundamental na composição do ambiente em que está inserido.

Referências

AGUIAR, J.V.; BASTOS, N. Uma reflexão teórica sobre as relações entre natureza e capitalismo. *Revista Katálysis*, v. 15, n. 1, p. 84-94, 2012.

ASSIS, M.M.A.; KANTORSKI, L.; TAVARES, J.L. Participação social: um espaço em construção para a conquista da cidadania. *Revista Brasileira de Enfermagem (Impresso)*, v. 48, p. 321-40, 1995.

BOIANO, M.K.; OLIVEIRA, O. História e cultura indígena: transformações da cultura ameríndia. In: SALÃO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UNICENTRO, 3, Santa Cruz: UNICENTRO, 2010. *Anais...* 3º Salão de Extensão e Cultura da UNICENTRO, 2010, p. 1-8.

ESTIVAL, J.P. Os caçadores e o rádio: sobre o novo uso dos meios de comunicação entre os Ayoreo do Chaco Boreal. *Revista Antropológicas*, v. 17, n. 1, p. 6, 2006.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. (Orgs.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, v. 35, p. 57-63, 1995.

KLAMMER, C.R.; GNOATTO, D.M.; OZÓRIO, E.V.K.; SOLIERI, M. Cinema e educação: possibilidades, limites e contradições. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 3, *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2006, p. 872-882.

LIMA, G.T.; CAMPOS, G.H.V. As causas das crises capitalistas: um olhar marxista. In: ENCUESTRO INTERNACIONAL DE ECONOMÍA POLITICA Y DERECHOS HUMANOS, 6, 2012, *Anais...* Buenos Aires: UPMPM, 2012.

LOUREIRO, R. Educação, Cinema e Estética: Elementos para uma reeducação dos sentidos. *Educação & Realidade*, v. 33, p. 135-154, 2008.

MARTINS, A.F. *Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino de artes visuais*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

MARX, K. Formações econômicas pré-capitalistas. Tradução de João Maia. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MEYER, M.A.A. Ecologia faz parte do espaço cotidiano. *AMAE Educando*, v. 24, n.225, p. 13-20, 1992.

_____. Educação Ambiental: uma proposta pedagógica. *Em Aberto*, v. 10, n.49, p. 41-46, 1991.

MINAYO, M.C.S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 30-37.

MORETTI, V.D.; ASBAHR, F.S.F.; RIGON, A.J. (2011). O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 3, 477-485, 2011.

OLIVEIRA, A.M.S.; THOMAZ JÚNIOR, A. A Relação Homem/Natureza no Modo de Produção Capitalista. *Revista Pegada Eletrônica (Online)*, v. 3, n. especial, p. 123-130, 2002.

OLIVEIRA, D.C. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização. *Revista Enfermagem (UERJ)*, v. 16, p. 569-576, 2008.

PFRIMER, M.H. *A Guerra da Água em Cochabamba Bolívia: desmitificando os conflitos por água a luz da geopolítica*. 2010. 408 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SIQUEIRA FILHO, V.S.; LEITE, R.A.; BRENO, V.B. Respeito aos territórios e à cultura indígena e a necessidade de desenvolvimento do país: há uma solução pacífica para a questão?. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS, 1, *Anais...* Fortaleza: Unifor, 2012. p. 1-12.

TOZONI-REIS, M.F.C. *Educação Ambiental: natureza, razão e história*. Campinas: Autores Associados, 2004.



TREIN, E.S. A educação ambiental crítica: crítica de quê?. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 7, n. 14, 2012.

Apoio: Capes e Fapemig